

ACERVO DIGITAL FUNDAJ

O erro do Imperador

Fundação Joaquim Nabuco

www.fundaj.gov.br

PROPAGANDA LIBERAL

SERIE PARA O POVO

Primeiro opusculo

O
ERRO DO IMPERADOR

POR

JOAQUIM NABUCO

1886

RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS — RUA D'OUVIDOR 31

—
1886

BROCHURAS SEGUINTEs:

O Eclypse do Abolicionismo (Na proxima Semana)

A Prostituição Eleitoral

A Perseguição dos Escravos

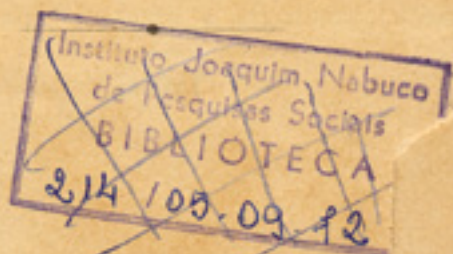
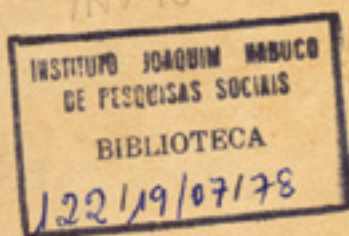
Porque continuo a ser Liberal.

A Nova Camara

Aviso. — Toda a correspondencia (cartas, jornaes, manuscriptos, informações) relativa a esta serie deve ser endereçada desta fórma:

A' Propaganda Liberal
Rua Bella da Princeza n.º 1
Rio de Janeiro.

Recebem-se annuncios para os outros numeros.



PREFACIO

Estando, como entre nós estão, as eleições em mãos do governo, todo homem que representa qualquer porção da opinião publica é forçado, em épocas de reacção contra as suas idéas, a crear para si mesmo uma tribuna d'onde seja ouvido pelo seu partido. A confiança em mim testemunhada por Abolicionistas e Liberaes de todas as provincias tem sido tanta e tão expressiva que me considero eu tambem n'aquella obrigação.

A maior necessidade presente do Liberalismo adeantado a que pertenco, e que se póde chamar o Neo-Liberalismo, é ver creada n'esta cidade uma folha diaria que sirva de organo impessoal e independente ás suas aspirações, empreste uma voz ás suas profundas e vastas camadas populares, e estabeleça a communicação directa, continua, e fortificante, entre os homens e as idéas em nome das quaes elles fallam.

Mas o diário só não basta para a missão politica da imprensa, e, sendo n'ella como é o principal dos seus grandesapparelhos funcçionaes, necessita todavia os serviços das outras publicações. O jornal presuppõe mesmo creada essa força da opinião que elle dirige. Para constituil-a, porém, as materias primas são caracter, educação, independencia e vontade, no povo, e, essas, para produzil-as, é preciso o trabalho simultaneo, qualquer forma que revista, de todos os semeadores de principios, descobridores de verdades, ou fundadores de exemplos.

Por parte da imprensa, na causa abolicionista por exemplo, o livro de Beecher-Stowe, a folha avulsa de Garrison, o sermão de Parker, a conferencia de Wendell Phillips, a poesia de Whittier, foram outros tantos raios da mesma luz da cons-

082.1
NM7N
AJN/F

ciencia humana, e quando os grandes jornaes tomaram a si a causa dos escravos o pequeno *Liberator* já a tinha ganho.

Esta serie de opusculos será mais uma insignificante contribuição minha para a obra gigantesca do nosso futuro. Reflectir seriamente sobre as nossas condições presentes e publicar o resultado d'essas reflexões, não é nada mais, da parte de um homem politico, do que pedir a sua porção de responsabilidade na formação da opinião. Quem nasceu Brasileiro e quer morrer Brasileiro, tem que escolher na vida publica entre duas estradas divergentes: uma, passando pelas alturas, leva ao engrandecimento proprio; outra leva ao longinquo, penoso, incerto, e por isso mesmo singularmente meritorio, engrandecimento de nossa patria.

JOAQUIM NABUCO.

O ERRO DO IMPERADOR

324.77.32

Se ha alguém n'este paiz a quem o resultado das ultimas eleições deva particularmente desagradar, é o Chefe do Estado. É provavel que até hoje a victoria Conservadora só tenha causado satisfação, no Paço, mas ha de haver no fundo da consciencia do Imperador particulas luminosas que não tardem a esclarecel-a como o dia. N'este momento o que se vê é somente prestigio do partido da Ordem, e como a atmospha dos thronos é, em toda a parte, reaccionaria e inconscientemente sympathica a um sonho impossivel de restauração absolutista, essa *popularidade* inesperada dos Conservadores deve ter sido tão agradável ao elemento monarchico, como foi ao elemento aristocratico.

Nem o Imperador nem sua Familia distinguem entre partido Conservador e Monarchia. A experiencia de outras Casas reinantes não basta para separar nas testas coroadas essas duas entidades diversas. Napoleão tambem não conceberia Exercito francez como noção distincta de Imperio. Entretanto Monarchia e partido Conservador são forças não só differentes, mas muitas vezes oppostas. Os inimigos de uma instituição são em sentido vulgar, os que as combatem, mas em sentido exacto, os que as destroem. O parasita está longe de ter odio, deve ter mesmo amor, ao organismo que o alimenta e que elle arruina. A Monarchia não pensa poder viver sem partido Conservador,

o partido Conservador sabe que pôde viver sem Monarchia. Em todo o mundo vão-se os Soberanos e ficam os partidos. É duvidoso até que a forma monarchica seja forma Conservadora. A forma Conservadora é a olygarchia, da qual a realza é instinctivamente inimiga. O Imperador, porém, está convencido do contrario e surprehende-o-hia muito quem lhe dissesse que se amanhã viesse a Republica os primeiros Republicanos seriam os Conservadores, porque a Republica seria o facto consummado, que elles adoram; a força, que elles veneram; os empregos e as posições.

*
* *

Mas passado esse momento de regozijo proveniente da confusão das duas noções, o Imperador ha de considerar a victoria do chamado *seu* partido por outras faces, para onde até agora não lhe lembrou olhar.

Em primeiro lugar elle indagará do valor d'essa transformação reaccionaria do paiz, e do modo por que ella foi obtida, e então começará a despontar-lhe a idéa de que esse triumpho não foi talvez do partido Conservador, mas d'elle mesmo, e só resultou da sua intervenção pessoal em nossas luctas politicas. Essa primeira descoberta tão facil despertará umas reminiscencias esquecidas; uma pagina inteira do seu reinado lhe voltará á memoria, allumiada pelo clarão infallivel dos factos posteriores, isto é do seu desenvolvimento logico, e elle meditará não sobre o que fizeram os eleitores, elegendo a nova Camara — porque esse foi um simples phenomeno reflexo, um movimento automatico do paiz, — mas, sim, o que elle mesmo fez, chamando os Conservadores ao poder.

*
* *

Em 1867, no ministerio Zacharias, ao mesmo tempo que se empenhava e empenhava o paiz por insistencia do Impe-

rador em uma lucta pessoal de morte com o presidente Lopez, o partido Liberal iniciou a idéa da emancipação gradual dos escravos. Um anno depois, procurando ostensivamente um pretexto, como era a escolha em situação Liberal de um Conservador para o Senado, o Imperador, que não precisava mais dos Liberaes para a sua guerra *à outrance*, chamava ao poder os Conservadores, e assim, deliberadamente, *motu-proprio*, paralisava o movimento emancipador, que elle provavelmente, posso dizer seguramente, havia instigado o partido Liberal a crear no paiz.

Em 1884 S. M. chama ao governo o Sr. Dantas. Que approvasse ou desapprovasse *a maneira* de governar d'este, o Imperador, quando elle perde a confiança da Camara sustem-n'o por meio da Dissolução, prova suprema de sua confiança. O Sr. Dantas lança o paiz n'uma phase abolicionista beneficentemente revolucionaria, em que a escravidão parecia supprimida de direito, moralmente abandonada de facto, entregue aos seus proprios recursos. Essa attitudo tinha ao que parece a sympathia do Imperador: elle via a esperança crescer, o espirito publico emancipar-se, a nação despontar através das fendas da classe governante, os escravos sentirem-se homens, quasi cidadãos.

Tiveram logar as eleições. O marechalado do partido retrahiu-se em parte; em parte foi á batalha com reservas mentaes para depois da victoria; e em parte rompeu com o general promovido ao commando em chefe. Em muitos pontos o partido dividiu-se, e sendo as influencias eleitoraes grandes proprietarios de escravos, surgiu um liberalismo hybrido, alliado ao esclavagismo, e que em toda parte excedeu em zelo e audacia de vituperação aos proprios Conservadores, os quaes não precisavam de tanto esforço para recommendar-se á escravidão.

Aproveitando a divisão dos Liberaes, os Conservadores elegeram uma grande minoria, sob o censo actual, que se

póde chamar o censo de senhor de escravo. Os Liberaes escravistas por seu lado foram eleitos em diversos districtos. Formou-se então o pacto entre Dissidentes e Conservadores. Um entusiasmo estranho animava essa alliança *pro aris et focis* da escravidão invadida. Era preciso salvar o chão sagrado das fazendas: tal grito elevou o Sr. Moreira de Barros, com oito votos Liberaes, á presidencia da Camara; fez do Sr. Affonso Penna o oraculo das depurações, e deu ao Sr. Andrade Figueira o commando das forças alliadas.

*
* *

Ao mesmo tempo que o partido Conservador adquiria o contingente de que precisava para os seus fins, o ministerio recebia do povo as maiores demonstrações de sympathia. Os nobres e aristocraticos adversarios do Sr. Dantas, descendentes quasi todos de senhores de engenho e fazendeiros, quando chegavam ás janellas da Camara e viam uma d'essas manifestações populares, não descobrindo chapéos altos nem sobrecasacas, mas, n'um relance, pés no chão e mangas de camisa, diziam sómente « *Aquillo não vale nada, é a canalha* ».

Talvez, mas o nosso povo é isso mesmo, é um povo de *pés no chão e mangas de camisa*, e não é um povo branco. N'esta cidade se se visse uma grande *manifestação* popular segundo as idéas d'essa alta nobreza de tolerancia, seria uma manifestação de estrangeiros. Refractaria como ella é ás idéas liberaes, por ser o mercado do café escravo, encravada na unica provincia verdadeiramente escravista do Imperio, e além d'isso fornecedora da lavoira, de escravos e mantimentos, esta capital, no segundo reinado, não tem feito senão desnacionalizar-se. Na grande contextura das suas ruas e bonds as correntes de sentimento publico são todas frias plutocraticas, commerciaes; o Rio de Janeiro não é uma cidade como o Recife ainda é, e como ella foi até á guerra

do Paraguay: hoje o coração Brasileiro só bate aqui forte, livre, e tambem inconsciente, n'essas camadas espontaneas e quasi infantis, que os Conservadores, os quaes não respeitam senão o dinheiro qualquer que fosse a sua origem, chamam a *Canalha*.

Era com effeito um escandalo! Depois de tres seculos de escravidão soffrida sem um murmurio, o povo Brasileiro — descendente de escravos em sua maxima parte — chegou a ter a ousadia de dar *vivas* á abolição!

*
* *

Taes orgias não podiam continuar. A paz publica estava perturbada. O presidente da Camara foi objecto de uma vozzeria nas ruas. E que ha de extraordinario em que á minima excitação malevola os analphabetos, os escravizados, os esquecidos da nossa sociedade cheguem ao extremo de apupar? O rei de Hespanha entrou em Pariz debaixo de uma tempestade de assobios; mas era sómente o rei de Hespanha e por isso o gabinete Ferry continuou. Em nenhum outro paiz se daria a uma ligeira pateada publica o alcance de uma revolução, nem se faria de uma *vaia* o objecto theatral da maior solemnidade do Parlamento — a moção de desconfiança.

*
* *

Mas por isso mesmo foi o que aconteceu. Alguns irreflectidos quando sahia da Camara um deputado atiraram-lhe uns projectis. Aquelles falsos amigos do Abolicionismo não sabiam que estavam lançando a faisca á mina que nos havia de fazer saltar todos. Nos dias seguintes o Senado e a Camara apresentavam o aspecto mais ridiculo possivel. A Legislatura estava em convulsões. A Convenção Franceza invadida pelas Secções não se teria sentido mais ameaçada. Dir-se-ia que os escravos tinham-se apoderado da capital; que uma

esquadra Ingleza estava no porto de morrões accesos ; que o Sr. Dantas fizera o Imperador prisioneiro e ia decretar a abolição immediata.

A falsa indignação dos Conservadores e a ingenua indignação dos Dissidentes explodiram primeiro, juntas, no Senado. O Sr. Soares Brandão foi quem deu o signal do panico fingido, desenrolando a historia das scenas selvagens preparadas pelo Sr. Dantas para influir na verificação dos poderes ! O nobre senador pedia uma especie de *habeas-corpus* moral para os depuradores da Camara, e dava ás ridiculas vaias da rua Primeiro de Março o character de uma tragedia, como o assassinato de Apulcho de Castro. O Sr. Paulino de Souza levou para o Senado a narração do presidente da Camara, fez um alto elogio ao deputado desrespeitado, descreveu o estado da capital entregue ás manifestações abolicionistas, — mais degradantes para a nossa civilização do que as surras de escravos no interior das casas — e aos assobios da *canalha* — mais horripilantes do que o silvo do azorrague, — e estabeleceu a sua theoria do governo das *classes altas*. O Sr. Teixeira Junior, n'um exordio Catilinario, appellou para o Senado, dizendo que precisava imperiosamente de partir para a Europa no dia seguinte e não podia deixar sua mulher e seus filhos confiados á guarda do Sr. Dantas, o qual alem do mais estava fazendo o cambio baixar vertiginosamente ! O Senado ouvia tudo isso ancioso, com palpitações que deviam ser dolorosas para um coração atrophiado, e quando o reu ministerial levantou-se e começou com um certo desdem a sua defesa, todos comprehenderam que o ardil surtira o effeito, que o ministerio abolicionista estava por terra, a escravidão vingada, e o espantelho da Ordem publica cuidadosamente recolhido pelos Conservadores para afugentar outra vez do poder os passaros Liberaes. No dia seguinte o Sr. A. de Siqueira mudou de bancada na Camara e, como tudo dependia de um voto, esse peso deslocou o ministerio.

Derrotado o gabinete Dantas, por um voto, o Imperador mandou chamar o Sr. Saraiva. Dentro de poucos dias tudo estava mudado em nossa politica. O ministerio Saraiva era a reacção no momento mais acceso da lucta. Na vespera estava a emancipação no poder; no dia seguinte estava a escravidão. Esse foi o primeiro, o grande, o fatal erro do Imperador — o erro de arrepende-se, de inutilizar a obra começada, de paralisar o movimento nacional.

Quando a Camara derribou o Sr. Dantas o Imperador devia tel-o sustentado, senão por elle mesmo, por sua idéa, — a bandeira sob a qual se tinha travado a lucta eleitoral em urnas levantadas defronte das fazendas e dos engenhos, no Campo Santo onde descançam esquecidas milhões de victimas innocentes!

*
* *

— Todos sabiamos que a Dissidencia e os Conservadores desejavam um gabinete Saraiva. Este homem de Estado, a historia o dirá, teve em suas mãos a sorte dos escravos, a solução honrosa do maior problema de nossa patria! O seu prestigio — o maior prestigio politico d'esta geração — teria envolvido no seu brilho a dedicação e a popularidade do seu predecessor, e o nome de todos que temos luctado no mesmo terreno, precuresores, iniciadores, propagandistas da abolição, se elle tivesse querido plantar o marco redemptor no ponto somente a que já havia chegado a nossa conquista! Infelizmente o Sr. Saraiva subiu prevenido contra o seu antecessor, contra os que haviam por um dever de honra sustentado a este, e contra todo o movimento da opinião durante o ministerio Dantas.

Não tenho o minimo dado para especificar o motivo d'essa prevenção, que me limito a affirmar. Essa materia é muito delicada e eu não tenho vontade de improvisar uma

theoria psychologica, para explical-a, sobre o eminente senador, a quem não quizera fazer uma injustiça em ponto tão grave. É preciso, porém, justificar-nos a nós mesmos.

Em 1884, quando cahiu o ministerio Lafayette, o Imperador chamou o Sr. Saraiva, que desde 1878 tem no paiz a posição de homem necessario. O Sr. Saraiva não acceitou, allegando que não podia com a Camara existente fazer passar uma lei de emancipação. O motivo era grande, o pretexto era fraco. O que queria elle recusando? Que subissem os Conservadores? Que outro fizesse uma Camara para elle? Que o Imperador lhe offerecesse a dissolução? Ninguém sabe.

Mas desde que o Sr. Saraiva não acceitou o poder, e foi chamado o Sr. Dantas, o que havia de fazer este? O Sr. Dantas organizou, para que o governo não passasse aos Conservadores, e porque sentia-se com forças para prestar um grande serviço ao paiz. Com o sentido nas eleições, alguns queriam que elle guardasse o seu projecto para depois d'ellas: do ponto de vista moral, teria sido um estratagema indigno; do ponto de vista politico, teria sido uma ingenuidade; mas do ponto de vista abolicionista teria sido o maior dos erros. Apresentado o projecto, o que aconteceu foi muito natural. A esse primeiro abalo o partido fendeu-se de alto a baixo (sobretudo no alto, em baixo a fenda foi quasi nenhuma); aos delirantes applausos de um lado responderam as recriminações excessivas do outro; travou-se uma guerra civil de odios e de injurias, e o Primeiro Ministro achou-se envolvido n'um turbilhão de paixões contrarias e furiosas, como teria sido qualquer outro *Liberal*, que fizesse o que elle fez, ou muito menos do que elle fez, *no momento em que elle o fez.*

A um estadista d'esse alto patriotismo, o partido Abolicionista não podia deixar de prestar o seu illimitado concurso. O ponto a que elle pretendia levar o paiz ficava no começo da nossa estrada, mas se era a bocca mesma da rua que estava defendida pelas melhores peças da escravidão,

porque não o ajudarmos a destruir essa primeira resistencia, que, se nos figurava, tambem seria a ultima? Pelo seu lado, vilipendiado pelos proprietarios, cujos interesses elle tinha religiosamente consultado e querido salvar, abandonado pelos melhores d'entre os seus amigos, combatido por uma alliança que no systema eleitoral directo collocava o governo em toda parte a mercê dos desertores do partido, o que podia fazer o Sr. Dantas senão acceitar o concurso, incondicional, ainda que um tanto adventicio, d'esses voluntarios que corriam, sem laços de partido ou pessoas com elle, a defendel-o da hoste dos seus inimigos selvaticos e mentirosos?

Qualquer que fossem os seus motivos intimos, o Sr. Saraiva levou isso a mal, e formou o gabinete com espirito não só de desconfiança, mas de aggressão, e hostilidade a toda a politica, e cada um dos auxiliares e defensores do anterior ministerio. Isso o obrigava desde logo a apoiar-se no partido Conservador, e portanto, a afastar-se do Liberal, que em massa se havia identificado no paiz com o Sr. Dantas e lastimava a sua quêda como um desastre nacional.

*
* *

O que se seguiu todos sabem. A maioria Liberal da Camara assistiu á apresentação do gabinete Saraiva como a um triumpho Conservador. Desde o principio o Presidente do Conselho voltou as costas aos Liberaes e mostrou que elle representava energicamente a coalisão triumphante. As depurações continuaram, provando que a alliança sobrevivia, encarnada agora no Gabinete. A Mesa da Camara Liberal era eleita por votos Conservadores. A direcção da Camara era Conservadora. A Escravidão sentira que era preciso fazer alguma coisa, ceder algum terreno, tirando o maior proveito possivel da transacção, e por isso, com as emendas restrictivas do Triumviato e a resistencia resignada do Sr. Andrade Figueira, que sómente queria salvar a sua coherencia (sem pensar

ainda na candidatura de seu filho por Goyaz) passou afinal na Camara o projecto Saraiva, a nova lei.

*
* *

Antes mesmo de votada a redacção, o presidente do Conselho, surprehendendo os seus collegas e lançando a maior confusão entre os seus alliados, demittiu-se. O motivo d'essa demissão tambem não é conhecido, mas o Sr. Saraiva não teve a idéa, demittindo-se, de fazer a lei passar tal qual, nem mesmo podia prever, com toda a sua experiencia que tal seria o resultado pratico da demissão. Elle retirou-se, eu supponho, desgostoso de sua lei e dos seus auxiliares. Um homem da sua tempera, não podia succumbir á opposição que elle mesmo deliberadamente provocou, e muito menos a aggressões pessoaes, de que elle foi menos victima do que outro qualquer Liberal.

Muito provavelmente elle viu que se estava gastando em uma obra inexequivel e odiosa, e que os seus alliados, uns eram intitulados Liberaes que o tinham ido procurar no seu retiro para desacreditarem com o prestigio d'elle a phase mais brilhante do partido, e os outros eram os Conservadores, — os quaes consideravam a lei uma fantasia legislativa, organicamente imprestavel para a emancipação. De facto, como monumento do liberalismo constructivo dos nossos estadistas, esse Labyrintho Africano póde ser conservado ao lado do Pagóde Chinez como a A e o Z do nosso alphabeto democratico. O illustre Primeiro Ministro sentiu que não valia a pena continuar a promover uma lei que não seria executada; que era em relação á liberdade ao mesmo tempo um subterfugio e um estellionato; que promettia aos senhores o que não podia dar-lhes, sómente para tirar aos escravos o que se lhes tinha promettido; que a escravidão inteira do paiz acceitava como lettra-morta em tudo que a restringia, e uma reivindicação em tudo que a ampliava.

Esse desanimo do homem de Estado, que vê a sua acção individual aproveitar não aos que elle queria beneficiar, mas aos adversarios de suas idéas, convertidos por interesse proprio em auxiliares de sua politica, actuou, penso eu, no espirito do Sr. Saraiva quando elle demittiu-se, mais pelo menos do que a *segunda vista*, o sentido prophetico que lhe emprestam, de ter querido garantir com a sua retirada a votação integral do projecto.

*
* *

Quando o Sr. Saraiva deixou o poder, o Imperador achou-se no ponto a que desejava chegar — naturalmente, ou melhor, queria que a opinião o levasse, isto é, frente a frente com os Conservadores. Os Srs. Cotegipe e Fleury foram ao Paço, conversaram com S. M., tiveram ordem de ir conversar com os seus amigos; o Sr. Paranaguá, ministro do gabinete cahido, foi chamado, recusou como era natural, previsto e sabido; o Sr. Cotegipe foi encarregado de organizar, e o partido Conservador recebeu o premio de boa conducta por ter apoiado o projecto-Saraiva.

O ministerio Conservador só não governou com a camara Liberal *porque não quiz*. A alliança de 1885 havia desmoralizado profundamente o nosso partido dentro do Parlamento. Se os Conservadores allegassem qualquer pretexto mais ou menos decente, teriam achado os votos de que precisavam. Um grupo em suas feições Cearense, mas de inspição Alagôana, tinha manifestado as maiores affinidades para os Conservadores que lhe deviam a sua ascensão. O partido Liberal uma vez em opposição teria naturalmente que agitar grandes reformas, o que bastaria para explicar o prolongamento da alliança. Mas o governo tinha necessidade de outra Camara e, ainda que disposto a ser generoso nas eleições com aquelles bons amigos, não queria mais depender d'elles.

Antes de dissolver, o ministerio obteve do Senado a lei.

O Senado não podia emendar: estava vinculado ao pacto anterior! A discussão, apesar de notaveis discursos dos Srs. Affonso Celso e José Bonifacio, não teve dignidade. A lei passou tal qual. Nomearam-se os presidentes e fizeram-se as eleições. Foi eleita uma Camara quasi unanime, na qual talvez a maioria dos poucos liberaes seja dos mesmos que prepararam a subida dos Conservadores, ou que a acceitaram de bom grado para castigar o abolicionismo do partido. Esta é a situação de hoje.

*
**

Agora o resumo.

Os factos que ahi vão fielmente narrados e os que para não alongar deixei de referir com elles, são principalmente os que se seguem.

Primeira phase: O Imperador em 1884 chama o Sr. Dantas ao poder; dissolve a Camara a pedido d'elle; vê as eleições travadas no terreno, exclusivamente, da emancipação; observa que a escravidão divide o partido Liberal e une o partido Conservador, e só d'esse cimento negro resulta a segurança da alvenaria opposicionista; vê do outro lado a esperança nacional manifestar-se de todos os modos, por um enthusiasmo novo no paiz. É a phase da Lucta.

Segunda phase: As eleições têm logar; o Imperador vê a phalange escravista unida como um só homem constituir a Camara e derribar o ministerio Dantas, e chama ao poder o Sr. Saraiva. A escravidão abalada triumphá; os Conservadores sentem-se no poder; a alliança consolida-se e resulta em um projecto de lei satisfactorio para a lavoura e oppressivo para os escravos; quando esse projecto passa na Camara, o Sr. Saraiva demitte-se. É a phase da Capitulação.

Terceira phase: O Imperador, depois de uma tentativa Liberal manifestamente fingida, chama os Conservadores e impõe-lhes desde logo um programma: fazer passar o projecto

tal qual foi votado na Camara. A lei passa nas duas Casas. O movimento abolicionista decresce em todo o paiz. O periodo eleitoral é em toda a parte a livre vindicta da escravidão. Os escravos são perseguidos. A lei não é executada. As eleições dão uma Camara Conservadora quasi unanime. É a phase da Reacção.

*
* *

Quem escreve estas linhas não é inimigo partidario nem desaffecto pessoal do Imperador, muito pelo contrario, e, assim como sempre falla respeitosa e do Chefe do Estado, desejara poder occupar-se da politica do paiz sem envolver a alta personalidade que a Constituição neutralizou, tornando-a irresponsavel. Mas seria evidente hypocrisia commentar os grandes factos, a architectura do reinado, sem considerar a acção do Imperador, que se não é tudo em nossa politica, é quasi tudo. O presente opusculo é pequeno demais para conter o desenvolvimento da seguinte idéa, mas do que eu accuso o Imperador quando me refiro ao governo pessoal, não é de exercer o governo pessoal, é de não servir-se d'elle para grandes fins nacionaes. A accusação que eu faço a esse despota constitucional, é de não ser elle um despota civilizador; é de não ter resolução ou vontade de romper as ficções de um Parlamentarismo fraudulento, como *elle sabe* que é o nosso, para procurar o povo nas suas senzalas ou nos seus mocambos, e visitar a nação no seu leito de paralytica.

*
* *

Eu mesmo tenho feito justiça (vide *O Abolicionismo*, pag. 83) aos pallidos e intervallados esforços do Imperador, tanto para a suppressão do Trafico como para a libertação dos nascituros. O que se tem feito por lei é devido *principalmente* a elle, mas o que a lei tem feito é muito pouco, é realmente nada, quando vemos que esse é o resultado de quarenta e seis annos de

reinado e comparamos o que se salvou do naufragio com o que se perdeu e se está perdendo! A historia ha de difficilmente conciliar a intelligencia esclarecida, a vasta sciencia do homem com a indifferença moral do Chefe do Estado pela condição dos escravos no seu paiz. A este respeito eu não podia agora senão repetir o que disse de S. M. na Camara dos Deputados commentando a quêda da situação Liberal.

« Elle, Sr. presidente, disse eu, nunca teve que preoccupar-se, como o Czar da Russia com a vida dos seus filhos; como o rei constitucional da Hespanha com a explosão simultanea do Carlismo no norte e da Republica do sul; como os reis de pequenos Estados, a Belgica a Hollanda, a Dinamarca, com o crescimento de uma grande nacionalidade vizinha; como a Rainha da Grã-Bretanha, com o separatismo e o nacionalismo irlandez; como os outros imperadores, com as combinações de forças rivaes e allianças possiveis. Não, entre nós não existem nem carbonarios nem nihilistas; não temos receio de absorpção, nem de desmembramento, nem de colligações. Um unico problema, social e portanto individual para quem representa a sociedade como elle, foi imposto á attenção do monarcha brasileiro: o de governar sobre um paiz sem escravos. O que se lhe pedia é o que o mundo tem pedido ao sultão da Turquia, ao vice-rei do Egypto, ao imperador de Marrocos, ao regulo de Zanzibar. Desde 1840 elle não teve outra missão, não foi chamado a outra tarefa, e no entanto, Sr. presidente, o indifferentismo do Imperador pela escravidão não podia ser maior. Elle habituou-se a ella; perdeu de vista o ideal de uma nação livre; esqueceu-se de que seu genro foi libertar os escravos do Paraguay; que o mundo lhe dava a reputação de um Marco Aurelio; não invejou a gloria de Leopoldo II da Belgica — elle que foi tanto comparado a Leopoldo I — de fundar, pela sua iniciativa e seu esforço, um Estado livre no coração da Africa para extinguir eternamente as fontes da escravidão da côr. Esse problema, que é de

dignidade para a nação mas de vergonha para o throno — essa tarefa divina e humana, que os dois grandes Libertadores, o do Absolutismo e o da Republica, Alexandre e Lincoln, resolveram em 24 horas, o Imperador do Brazil não lhe deu um minuto de suas preocupações, não correu por ella o menor risco, e passou 45 annos sem pronunciar sequer do throno uma palavra em que a historia pudesse ver uma condemnação formal da escravidão pela monarchia, um sacrificio da dynastia pela liberdade, um appello do monarcha ao povo a favor dos escravos.

« Nada, absolutamente nada, e hoje que os dez proximos annos, os ultimos da escravidão, serão provavelmente tambem os ultimos do reinado, n'esse espaço de tempo que equivale ao antigo *Interregnum* das monarchias electivas, porque nas monarchias populares, a despeito de todos as Constituições escriptas, é então que se firma definitivamente o direito de successão, o Imperador, no meio da agitação abolicionista e no dia seguinte ao das eleições mais disputadas que já houve n'este paiz, substitue o partido, que se apresentou ao eleitorado, em nome da liberdade, chamando a si o patrocínio dos escravos, pelo partido que não se propoz outra cousa n'este parlamento senão ser o agente e o defensor da escravidão, isto é, volta-nos as costas, a nós que fomos accusados de ter feito um pacto com elle, no dia da derrota que devia ser commum e fallar á lealdade de um poder... que não pôde deixar de ter consciencia de que, sacrificando-nos pelo paiz e pelos escravos, estavamos servindo directa, ainda que desinteressadamente, á causa do unico throno Americano. » (Sessão de 24 de Agosto de 1885).

*
* *

A conducta dos pensadores da escravidão, votando a lei Saraiva, foi um plano de defesa admiravel.

O partido Conservador revelou verdadeiro genio strategico, e ao mesmo tempo grande superioridade ás superstições da honra

politica, em todos os seus movimentos na questão abolicionista. Quem quer que seja o espirito director d'esse partido, é forçoso admittir que elle conhece bem a orographia do poder, e só leva comsigo a bagagem moral precisa para viajar n'essas montanhas. Não pôde haver, na simples politica do Successo, nada mais perfeito do que foi: levantar, primeiro, a escravidão inteira contra o abolicionismo, receber o apoio solidario e compacto da agricultura unida, saccar illimitadamente sobre a riqueza nacional accumulada, e depois da victoria d'essa intransigencia da Propriedade contra o Communismo, d'essa Cruzada dos Homens de bem contra Os que não têm nada a perder, ceder de repente, apresentar uma reforma como ainda mais adeantada que o projecto que originou a guerra civil, tudo para galgar o poder e cunhar moeda para a escravidão com os proprios sentimentos abolicionistas do paiz! A Providencia é indifferente, n'este mundo, á prosperidade do mau; ella mesmo para não tocar na belleza da virtude, diria Renan, parece alegrar-se em deixar os premios da vida (quaesquer que sejam as recompensas da morte) não aos bons, mas aos expertos. O partido Conservador sabe que a nossa Providencia politica é da mesma escola, talvez para não diminuir a somma do desinteresse nacional que sustenta a monarchia.

A politica não entrará na Arte de Furtar, mas é a Arte de Aproveitar, e d'essa arte a obra-prima ficará sendo a maneira por que o partido Conservador utilisou-se d'essa questão dos escravos; a soberba indifferença com que elle viu, em toda essa grande humilhação e ainda maior dôr dos Brasileiros, apenas uma feliz oportunidade para si; a certesa de visão longiqua com que se despenhou sobre a carniça humana extendida pelo nosso territorio e a serenidade com que a está digerindo no seu escondrijo tumular. A segurança de todos esses movimentos faz crer que elle teve sempre quem o guiasse inspiradamente, consultando o Oraculo.

O eclipse do abolicionismo na reacção Conservadora era inevitavel, e inevitavel tambem a prostituição eleitoral, a perseguição dos escravos, a paralyisia da lei. *

A situação Liberal, é preciso dizel-o, foi um periodo de apostasias e desfallecimentos no poder, mas foi tambem um grande periodo de agitação no paiz. Ella perdeu-se pelo que produziu, mas ha de ser salva pelo que semeou. Apesar do tudo foi uma epoca de vida e de movimento, em que os governos pelo menos apparentavam respeitar a opinião. Hoje o espirito que sopra sobre o paiz é um espirito de mercantilismo, de estupidez, e de indifferença moral. O ideal Conservador entre nós é a estagnação no embrutecimento, o rancor no exclusivismo, o silencio na corrupção. A nação ia despontando, hoje não se atreve mais a murmurar. É o reinado da escravidão soberana, da autoridade discricionaria, da força bruta e irresponsavel.

O Brazil voltou a ser um mercado de escravos, em alta ; os captivos perderam o começo de apoio que iam encontrando na magistratura ; a agitação dos espiritos está sendo substituida pela sombria resignação ao triste destino presente do Brasileiro ; as finanças ficarão reduzidas ao que lhes pôde dar o espirito Conservador, que é unicamente uma liquidação ruinosa, porque sómente grandes reformas sociaes podem restabelecer o credito publico ; a centralização terminará sua obra de ruina das provincias, ao passo que a intolerancia facciosa do governo tratará em toda a parte, na marinha como no exercito, na engenharia como na magistratura, na vida publica como na privada, os Liberaes Independentes como Excommungados da Idade Média.

Pois bem, o culpado de tudo isso é principalmente o Imperador, porque quando era preciso caminhar resolutamente

* (Ver nas seguintes brochuras — *O Eclipse do Abolicionismo*, *A Prostituição Eleitoral*, *A Perseguição dos Escravos*, *Porque continuo a ser Liberal*, o desenvolvimento do meu pensamento.

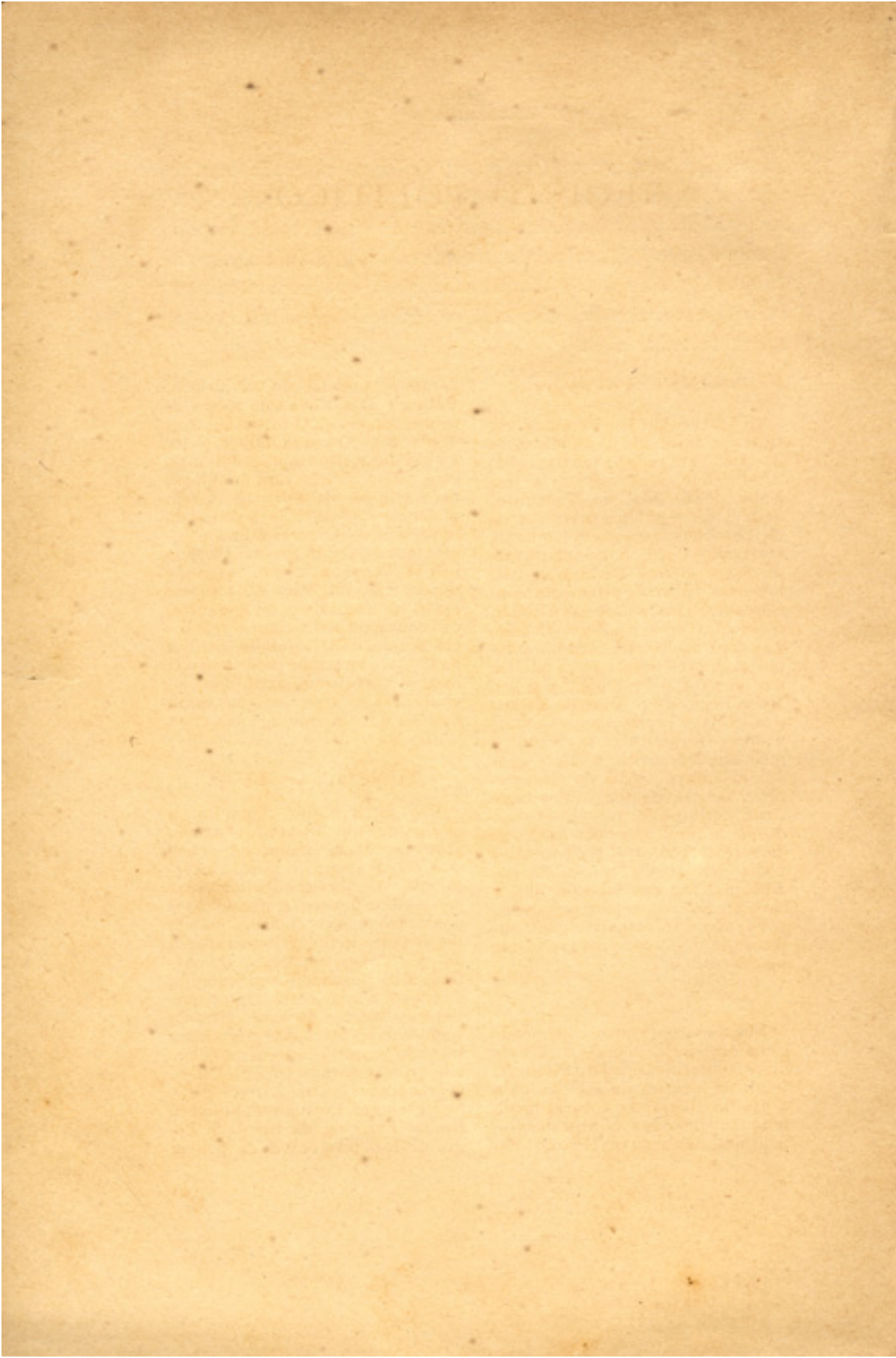
para deante, elle voltou para trás; quando o paiz anceava por idéas novas e um espirito de governo novo, elle só pensou em dar arrhas á escravidão e em reconciliar-se publicamente com ella, sujeitando-se á penitencia humilhante que ella lhe impoz como ao seu primeiro vassallo.

Quem reflecte que o throno do Brazil descança, como todas as instituições do paiz, sobre camadas de gerações inteiras de captivos, custa a comprehender que o homem de bem que n'elle se assenta não tenha ás vezes uma impressão de tristeza ou de misericordia, pensando no que a nossa escravidão continuará a ser por muito tempo ainda — *somente porque elle o quiz*. Em 1885 um acto, uma palavra do Imperador teria vencido a resistencia enfraquecida do escravagismo, que se extenuou derribando o ministerio Dantas. Em vez d'esse acto ou d'essa palavra S. M. fez exactamente o contrario: dissolveu a Camara com a resolução formada de entregar o paiz á reacção escravista, sacrificando assim á desforra da escravidão a honra do seu reinado!

O que está acontecendo: essa Camara quasi unanime, esse abatimento do animo publico, essa multidão de Novos Conservadores que nas provincias pullulam como vermes, essa paralysação subita da esperanza, e apenas, como contraste, o novo Exodo de tantos Liberaes para a Republica, são o desenvolvimento natural da acção directa e exclusiva da Corôa — suspendendo o movimento abolicionista, e reanimando as pretensões, mesmo as caducas e prescriptas, do escravagismo, ao ponto de revogar a lei de 28 de Setembro em seus mais sagrados compromissos.

Ao acto magestático de 19 de Agosto de 1885, ao Testamento Imperial que, desherdando os escravos, fez do partido Conservador o fidei-commissario da Monarchia, ao Golpe de Estado que restituiu ao espirito escravista a posse da geração contemporanea, que se havia quasi libertado d'elle, eu chamo — o Erro do Imperador. É possível porém que a historia,

contemplando a somma *incalculavel* de injustiças, soffrimentos, oppressões e martyrios, que hão de assignalar á sombra da Nova Lei esta phase da recrudesencia da escravidão, e observando deante d'esse espectaculo enlouquecedor a tranquillidade olympica de quem preside a elle diariamente, pense que o erro politico quando envolve uma infinidade de crimes d'essa ordem, é o maior de todos elles.



REGISTO POLITICO

18 de Fevereiro de 1886.

Um baptismo de sangue.

Os jornaes de Goyaz ainda não trazem o resultado da candidatura do Dr. Andrade Figueira pelo 2.º districto, mas referem a tragedia de S. José do Tocantins, onde a força publica interveiu na eleição e deu-se um grave conflicto, morrendo n'elle o commandante da força alferes Pacheco e dois mesarios Liberaes altamente conceituados, o fazendeiro capitão Antonio Martins e o alferes Benício Tavares, chefes de numerosa familia. A presença da força publica nas eleições é prohibida por lei. No collegio de S. José do Tocantins havia o proposito dos Conservadores de annullar a eleição, a mão armada, por ter n'elle o candidato Liberal mais de cem votos. O presidente, o deputado Cruz, do Pará, foi avisado a tempo de que o resultado d'esse emprego da força em S. José do Tocantins podia ter tristes consequencias. Elle, porém, não sabendo que o character passivo, como é o do nosso povo, não é incompativel com impetos de desforço, provavelmente não acreditou.

Em Jaraguá, outro collegio de grande maioria liberal, o juiz de direito interino, um Dr. Pitaluga, fugiu na vespera da eleição para a capital (passando a vara) tendo feito desaparecer o alistamento, pelo que não houve eleição. Es-

peram-se noticias de Cavalcanti, Palma e Boa-Vista com receio de peores successos. O joven Dr. Andrade Figueira será talvez eleito á vista dos meios empregados, mas, se o fôr, a eleição será annullada para elle ser de novo eleito sem violencias. Conhecida a força do candidato, os Conservadores esperam que o partido Liberal Goyano não se exponha a uma segunda razzia eleitoral, como elles sabem fazer. N'isso talvez se enganem, e só consigam barbarizar a provincia. A falta do Dr. Bulhões Jardim na Camara seria uma perda sensivel para o liberalismo adeantado, ao qual elle serviu sempre com tanta firmeza quanta intelligencia.

A Odysséa de um escravo.

Um facto muito commum, a prisão de um escravo chamado Honório, impressionou ha pouco esta cidade como se fôra extraordinario. Os jornaes abolicionistas commettem um erro tratando casos d'esses como excepcionaes, quando são de todos os dias. Honório fugiu da casa do seu senhor, o Dr. Alfredo Ellis, fazendeiro em S. Paulo, e esteve n'esta côrte tres annos como conductor de *bond*, vivendo como homem livre, até que o dono sabendo expediu ordens para ser elle preso e levado para S. Paulo. O procurador do Dr. Alfredo Ellis, o negociante Portuguez Eduardo Gomes Ferreira, da rua de S. Pedro n.º 1, obteve ordem da policia

para a captura de Honório (a Polícia se se tratasse de outra qualquer propriedade, faria ella mesma a apprehensão, mas tratando-se sómente da propriedade — escravo, que pôde ser bem ou mal apprehendida, ella delega em particulares as suas funções), e com essa ordem mandou um Manoel Pereira Nobrega, maisim de escravos, prender Honório em Sepetiba. Nobrega, ajudado por um empregado do Dr. Ellis, segundo depõe, apprehendeu Honório em Sepetiba mesmo, e trouxe-o para esta corte d'onde elle foi transportado para S. Paulo por Nobrega e um Pedro Philippe Floret, empregando os agentes os meios mais violentos na estação de S. Diogo e no caminho de ferro. N'esta cidade, quando Honório estava no xadrez um negociante o Sr. Luiz Antonio Pereira foi á Polícia, procurou vel-o, soube que elle tinha tido um peculio de 300\$000 que um individuo por nome Bezerra dissipara, informou d'esse facto ao terceiro delegado, o Dr. J. Manoel Carlos de Gusmão. Eis como o próprio Dr. Gusmão narra as suas communicações posteriores com o protector de Honório (os *gryphos* são do delegado.)

« As 5 horas da tarde appareceu o Sr. Pereira no Hotel Royal, onde me achava, e pediu-me informações sobre a condição ou estado de Honório: disse-lhe que, sendo Honório escravo, iria como tal para o poder de seu senhor.

« Retirou-se o Sr. Pereira e minutos depois regressou ao hotel, dizendo-me que dois negociantes d'esta praça o haviam incumbido de me pedir conselho sobre o que se decia fazer com relação a Honório; respondi-lhe que, como autoridade, me era vedado aconselhar ás partes, que perante mim requeriam, e acrescentei: *Entenda-se com um advogado qualquer, que este o orientará do que deve fazer a bem de seu protegido, que, consta-me,*

será conduzido amanhã de manhã para S. Paulo.

« Ouvido isso, despedio-se o Sr. Pereira e retirou-se dizendo que ia aconselhar-se com o Sr. Dr. Sizenando Nabuco, e não me appareceu mais. »

No dia seguinte o escravo foi despachado para o Rio Claro pela *lei de ferro* do Dr. Gusmão, que não quiz esperar o resultado dos esforços do Sr. Pereira.

Antes porem de chegar Honório á fazenda, foi depositado, por um generoso esforço de diversos abolicionistas, o seu valor, e o escravo voltou para a corte, onde referiu a historia dos seus soffrimentos n'esses poucos dias, que deviam ter sido para elle tão cruéis como as ultimas horas do condemnado á morte. O Dr. Alfredo Ellis disse pela imprensa que em sua fazenda Honório era feitor, tinha um salario mensal, nunca soffreu o mais insignificante castigo, e accumulou 500\$000. Isso mostra que o Dr. Alfredo Ellis é um bom senhor, mas um bom senhor devia levar a sua bondade ao ponto de não fazer prender Honório tres annos depois de fugido, desde que a captura de um escravo em taes condições não pôde deixar de ser acompanhada de crueldades que não se deve infligir a um inimigo, quanto mais a um escravo.

O artigo do Dr. Ellis conclue, sentimos registal-o, d'esta fórma:

« Antes de terminar, porém, vou occupar-me dos unicos crimes que commetti:

« 1.º Ter *inconscientemente* desmanchado o idyllo que, mansa e pacificamente, desenrolava-se na poetica Sepetiba, entre os novos representantes das boas e honestas familias Montecchios e Capuletos.

« 2.º Ter sido *involuntaria* causa de ficarem os freguezes do apaixonado Romeu privados, por alguns dias, no meu diario, da ração de peixe que lhes fornecia.

« São esses os meus delictos e peço indulgencia. »

Essas ironias da parte do senhor contra um antigo escravo, são improprias da gravidade do domínio. Renan qualificou a alegria de « singular esquecimento do destino humano e de suas condições. » A alegria do senhor é um singular esquecimento da tristeza da posse de escravos. Enquanto bons senhores não virem o lado triste, para elles ainda mais que para os escravos, da escravidão, o problema estará longe de ser resolvido. Os factos relativos á captura de Honório são muito dolorosos; o officio da Policia em todas essas caçadas nocturnas e deportações matinaes de escravos, é um emprego que, como o de carrasco, devia não achar quem o quizesse; mas é um erro fallar de taes factos como se elles fossem raros, quando são diários, constantes, e os peores não têm publicidade.

Morte a fogo lento.

Uma senhora de Botafogo chamada Francisca da Silva Castro, passou pelo desgosto de ver fugir-lhe do seu laboratorio de physiologia uma sua escrava em quem ella praticava diariamente a viviseccão, talvez para verificar até onde uma escrava póde soffrer sem dar ao senhor o prejuizo de morrer. Essa escrava conseguiu fugir, para o que devia ser dotada de energia superior, tão contrario é entre nós o resultado de appellar o escravo seviado para a justiça, e foi mostrar-se ao Sr. José do Patrocinio, cujo nome adquiriu para os opprimidos da escravidão o sentido de valimento.

O redactor da *Gazeta da Tarde* levou a infeliz martyr ás diversas redacções e á policia. Infelizmente ella não era a unica victima de sua senhora. Outra escrava, por nome Joanna, foi tambem desco-

berta n'esse carcere privado, se fosse sómente carcere! da praia de Botafogo, mas essa não sobreviveu muitos dias á tortura. Acaba de fallecer. O Brazil não é mais o paiz onde Darwin, na sua immortal viagem, confessou-se horrorisado com os gemidos e gritos dos escravos açoitados no interior das casas: hoje não se ouve mais em nossas ruas aquella orchestra infernal, mas quanto soffrimento surdo, quanta morte lenta, não se está passando em bairros chamados aristocraticos? Stuart Mill definiu a escravidão quando disse que ella era a unica instituição social que para existir precisava de matar.

A Policia da Corte e os escravos.

A imprensa do Rio é unanime em pedir a demissão do chefe de policia, o qual parece ser fortemente sustentado pelo Ministro da Fazenda.

O Sr. Coelho Bastos não quer reconhecer a esta cidade o privilegio de capital do Imperio, de parecer civilisada. Elle interpreta a lei, como um doutor do velho Talmud negro, pouco lhe importando que o Rio de Janeiro apresente os mesmos espectaculos que qualquer cidade Africana na estrada das caravanas do Trafico. O principal dever da policia, para elle, é perseguir escravos e fazer respeitar a escravidão. Para isso o dinheiro das verbas secretas está sendo empregado em diffamar Abolicionistas, cujo desinteresse na defesa dos escravos é incontestavel, como o Sr. João F. Clapp. Nas mesmas columnas do *Jornal*, em que o Sr. Dantas fazia fulgurar o talento e vibrar o coração de Clarkson, a policia está hoje educando em seus exemplos uma serie de escriptores, nenhum dos quaes ousaria assignar-se abaixo dos seus escriptos tão deshumanos e cruéis são estes.

Os cofres publicos estão assim fazendo a mais triste de todas as propagandas: a da caçada de escravos fugidos. A cobardia das autoridades n'essa questão está em que ellas não ousam proceder contra os que acoitam, mas sómente contra os acoitados. A nova lei fez do acto de acoitar escravos uma especie de furto. Pois bem, porque a policia não procede contra os abolicionistas, que *pregam* esse crime? Na *Gazetilha* o *Jornal do Commercio* pareceu ha dias ver um delicto moral em um cidadão confessar que acoitava escravos. Não é crime o que a lei quer. Para o crime é preciso o elemento moral, e em quanto « Não matarás » fôr um mandamento da lei de Deus, acoitar o escravo perseguido não será crime. É por isso que ninguém se atreve a verificar a moralidade da lei, levando um abolicionista ao jury.

—
José Marianno.

Acabo de receber os ultimos telegrammas do Recife annunciando a victoria de José Marianno no segundo escrutinio. Incontestavelmente eleito no primeiro, elle não se devia ter sujeitoado a essa comedia; mas concorreu para não parecer que receiava um segundo desafio do seu contendor.

Apezar de todos os meios empregados pelo governo, meios que commentarei na brochura—*A Prostituição Eleitoral*, José Marianno venceu por 38 votos o presidente da Bahia, eleitor da deputação que será naturalmente a guarda de honra do Presidente do Conselho, como a de Pernambuco será a do Sr. João Alfredo e a do Rio a do Sr. Paulino.

A cidade do Recife fez um enorme esforço para dar no começo de uma situação que a trata como a capital do inimigo, 893 votos ao candidato da opposição intransigente.

O Sr. Theodoro Machado dizia que a sua honra estava empenhada em apresentar-se pelo 2.º districto; o districto mostrou que a sua estava empenhada em reeleger a José Mariano. E' com d'esses rasgos de verdadeiro heroismo que o povo Pernambucano mostra que ainda não morreu, e que se não fosse a prostração geral do paiz elle estaria prompto a tomar a iniciativa de qualquer grande movimento Liberal.

—
Um monumento a Garrison.

Um dos redactores da *Nation* que o é tambem do *Evening Post*, jornaes de Nova-York, o Sr. Wendell Philipps Garrison fez-me a honra de enviar-me os dois primeiros magnificos volumes da *Vida* de seu pae escripta por elle e sua irmã, Francis Jackson Garrison, de Boston. O livro tem este titulo: *William Lloyd Garrison, 1805-1879 — Historia da sua vida contada por seus filhos*, e é admiravelmente impresso em Nova-York. A narração do 1.º volume, o qual contém entre outras illustrações retratos de Garrison, de George Thompson e de Samuel J. May e um *fac-simile* reduzido do pequeno jornal *The Liberator*, vai até ao anno de 1845. — W. L. Garrison nasceu a 10 de Dezembro de 1805 — e relata os primeiros passos do abolicionismo Americano, as vicissitudes do *Liberator*, a agitação escravista em Boston, da qual os primeiros Abolicionistas escaparam de ser victimas. O 2.º volume contém entre outras gravuras um retrato de Helena Garrison, a dedicada esposa de Garrison, e outro de Wendell Philipps o grande orador abolicionista, e leva a narração até 1840, deixando-nos, portanto ainda a mais de vinte annos de distancia do grande drama nacional cujo desenlace humanitario foi em tão grande parte devido á inicia-

tiva de Garrison. Primeiro d'entre todos os Precursores Abolicionistas da União, os que figuram nos versos de Whittier, os Jonathan Walker, Charles Follen, Channing, Daniel Neall, Dr. Howe, Sumner, e outros que elle não idealizou com um traço puro do seu pincel, Garrison é aquelle cujo nome mais completamente resume o movimento abolicionista Americano, e ao qual verdadeiramente cabe o nome do seu jornal— o Libertador. Entre os seus primeiros esforços e a proclamação de Lincoln ha um espaço de trinta e tantos annos; n'esse tempo as sementes de liberdade que elle espalhou por todo o Norte tinham produzido uma arvore enorme, cujos galhos cobriram com a sua

sombra bemfazeja o cadafalso de John Brown. O livro que os seus filhos estão publicando é o melhor monumento que os Estados-Unidos podiam levantar ao grande iniciador da abolição, áquelle de quem o Poeta dos Escravos disse com verdade: « Entre os verdadeiros reformadores e bemfeitores da especie humana nenhum occupa logar superior ao d'elle. » Os dois volumes, escriptos com a simplicidade com que os filhos de um pai illustre devem fallar d'elle, estão cheios de factos e detalhes que, todos, formam a bella e serena unidade de uma vida, da qual se póde dizer que não foi a vida só de um homem, mas o berço, o crescimento e a madureza da consciencia moral de um grande povo.

J. N.

P. S. — 19 de Fevereiro.

O Estado da Bahia.

O Paiz publica o seguinte telegramma:

« Bahia, 17 de Fevereiro. — Occorreram novos tumultos na villa de Chique-Chique e seu termo. A tropa mandada pelo presidente da provincia fez fogo contra o povo, causando mortes e ferimentos. Algumas casas da villa, inclusive a do juiz de direito, foram saqueadas e incendiadas. E' grande a excitação dos animos, e provavel a aggravação das desordens pela parcialidade das autoridades policiaes na punição dos criminosos. »

O estado do interior da Bahia, sob a policia do Sr. Theodoro Machado, não admira, desde que o Presidente vivia absorvido na sua eleição por Pernambuco e sem

tempo para mais nada senão para pedir demissões de eleitores nem calma de espirito enquanto dirigia essa luta de sobrevivencia politica e de escolha senatorial. Os juizes de direito Liberaes estão sendo tratados em toda parte como cães damnados; muitos candidatos comprometteram-se publicamente, até mesmo em suas circulars, como o Sr. Francisco de Lacerda em relação ao juiz de direito do Bom Jardim, a remover juizes de direito que não se curvaram á nova constituição do paiz, que é esta: « Só os Conservadores têm direitos politicos! »

A Bahia está fóra da lei: o abolicionismo do Sr. Dantas devia custar caro á Provincia hoje entregue ao velho espirito do Tráfico.

Nova situação em Portugal.

O Sr. Fontes pediu demissão hontem (18) e o rei mandou chamar o chefe dos Progressistas, o Sr. Luciano de Castro. A subida do partido Liberal pôde ter relação com o casamento annuciado do principe Real com uma filha do Conde de Pariz, o Pretendente Realista em França. Os Liberaes em caso de necessidades dynasticas parecem á Monarchia

mais uteis do que os Conservadores. Tambem na Hespanha logo que morreu o Rei a Rainha-Regente apressou-se a chamar *sem outro motivo* o Sr. Sagasta, o que mostrava que sua idéa era consolidar o throno. N'este momento em todo o Occidente Europeo os governos são Liberaes: Gladstone na Grã-Bretanha, Freycinet em França, Sagasta em Hespanha e agora Luciano de Castro em Portugal.

AN
088
A673

088
381.42(81)

A APPARECER PROXIMAMENTE :

O SECULO
ORGÃO LIBERAL DEMOCRATICO

Redactor — JOAQUIM NABUCO